

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-06-29

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Maia, M. (2011). Ecologia social e comportamentos sexuais de risco de jovens da região Ile-de-France. In Pedro Gabriel Silva, Octávio Sacramento e José Portela (Ed.), *Etnografia e Intervenção Social. Por uma praxis reflexiva*. (pp. 175-188). Lisboa: Edições Colibri.

Further information on publisher's website:

<https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registo?1783243>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Maia, M. (2011). Ecologia social e comportamentos sexuais de risco de jovens da região Ile-de-France. In Pedro Gabriel Silva, Octávio Sacramento e José Portela (Ed.), *Etnografia e Intervenção Social. Por uma praxis reflexiva*. (pp. 175-188). Lisboa: Edições Colibri.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Ecologia social e comportamentos sexuais de risco de jovens da região Ile-de-France

Marta Maia, Centro em Rede de Investigação em Antropologia.
maia_marta@hotmail.com

Introdução

O presente texto retoma alguns aspetos do estudo que levei a cabo no quadro de um doutoramento em antropologia social sobre as representações e vivências da sexualidade de adolescentes e jovens escolarizados na periferia leste de Paris, na região Île-de-France, e cujo trabalho de campo tomou como terreno privilegiado quatro estabelecimentos de ensino secundário (Maia, 2009). O principal objetivo foi compreender as configurações das representações da sexualidade e dos comportamentos sexuais de indivíduos dos 14 aos 20 anos escolarizados na periferia leste de Paris, tendo em conta os seus contextos sociais e escolares. Para tal, compararam-se populações estudantis de meios socioculturais diferentes e escolarizados em dois tipos de estabelecimentos, o público e o privado. Estas populações são geograficamente próximas mas distintas no plano sócio-cultural e sócio-educativo: por um lado, os alunos de dois estabelecimentos públicos, em Montreuil (departamento de Seine-Saint-Denis), o Lycée Jean Jaurès e o Collège Fabien, que recebem alunos de origens culturais diversas e pertencentes às classes média e desfavorecida; e, por outro lado, os alunos de dois liceus católicos privados, a Institution Notre-Dame de la Providence e o Lycée Gregor Mendel, em Vincennes (departamento do Val-de-Marne), cuja população estudantil é culturalmente homogénea e das classes média e alta. Foca-se, aqui, principalmente, a perceção do risco epidemiológico em matéria de VIH e os comportamentos sexuais de jovens em função dos seus ambientes sócio-educativos. Como notou Bozon (1998), os comportamentos inserem-se sempre em contextos sociais de maior ou menor vulnerabilidade.

A construção da identidade dos jovens é ajustada pelo capital cultural e simbólico próprio a cada grupo (Bourdieu e Passeron, 1964) e exprime-se, por exemplo, por meio dos gostos, da indumentária, da linguagem e da *hexis* corporal (Bourdieu, 1977). A valorização de si assenta sobretudo nos recursos materiais e resultados escolares para os jovens das classes mais altas, e na demonstração da força, seja ela física, verbal ou psicológica, para a população socialmente

mais desfavorecida, como também notaram Lepoutre (1997) e Duret (1999). Esta diferença adverte para as desigualdades sociais face à escola e à cultura e para o papel do espaço social no desenho das práticas dos indivíduos (Bourdieu e Passeron, 1979).

O tipo de estabelecimento frequentado é igualmente determinante na construção da identidade social e nas relações sociais (Avenel, 2006). É, com efeito, na escola que os jovens passam grande parte de seu tempo e que tecem as suas relações de sociabilidade. O meio escolar torna-se um importante fator de construção da sociabilidade e de acesso a uma dada categoria social. Estar inscrito numa escola seletiva, como é o caso da Institution Notre-Dame de la Providence, significa frequentar uma população com um estatuto social elevado e aprender a comportar-se em função dessa pertença social, inserindo-se num grupo que possui os códigos, valores, representações e comportamentos próprios. Aprende-se a ser membro de um grupo aderindo à sua cultura (Duret, 2008). O sistema escolar redobra, deste modo, a ação dos determinismos sociais (Bourdieu e Passeron, 1964).

Inscrever-se na Institution Notre-Dame de la Providence requer bons resultados escolares e algum capital económico, pois pagam-se mensalidades, assim como a obediência a um largo conjunto de regras do estabelecimento. Por exemplo, é proibido fumar, usar boné, trazer jogos eletrónicos para a escola, sair da instituição, os rapazes estão proibidos de ter o cabelo comprido e de usar brincos, as raparigas não podem vestir-se de um modo considerado provocante ou desleixado. Os estabelecimentos públicos, quanto a eles, recebem alunos de múltiplas origens culturais e condições sociais. As suas regras são muito menos rigorosas, as suas condições materiais são inferiores e deparam-se com alguns problemas de indisciplina e violência.

O trabalho de campo

Montreuil é uma cidade de 100.000 habitantes. Um quinto da sua população é estrangeira e outro tanto é operária. A taxa de desemprego é quase duas vezes mais elevada do que a média nacional (INSEE, 1999a)¹. Pelo contrário, Vincennes, é uma cidade de 45.000 habitantes que apresenta uma taxa de desemprego inferior à taxa nacional e cuja população beneficia de uma situação socioeconómica mais confortável que a de Montreuil: 20,3% são quadros e apenas

¹

Os censos apresentados são os contemporâneos do trabalho de campo, que decorreu entre 1997 e 2000.

11,5% são operários. Os estrangeiros representam 8,7% da população, metade do valor que apresenta Montreuil (INSEE, 1999b).

Os estabelecimentos escolares são à imagem das cidades onde se situam. A instituição Notre-Dame de la Providence, junto aos jardins da Câmara Municipal, acolhe cerca de 250 alunos do 2º ciclo e 350 alunos do ensino secundário. A sua entrada é eficazmente guardada por um supervisor. Só os alunos dos dois últimos anos do liceu podem sair durante as horas livres, ficando os mais jovens no interior do estabelecimento durante todo o dia, à exceção dos que não almoçam na cantina e têm permissão para sair durante a hora de almoço. O liceu Gregor Mendel, em Vincennes é igualmente de pequena dimensão, a inscrição é paga, os alunos apreciam a escola, que tem boas condições materiais. Em Montreuil, o liceu Jean Jaurès é um grande conjunto de construções cinzentas e algo degradadas. É frequentado por 700 alunos. Este estabelecimento depara-se com alguns problemas de indisciplina e delinquência. O Collège Fabien, estabelecimento do 2º ciclo de ensino, está rodeado de "cités"², conjuntos de prédios onde se concentram as camadas mais desfavorecidas da população e conhecidos pelos problemas de precariedade social e delinquência juvenil. Conta igualmente com cerca de 700 alunos.

A escolha dos estabelecimentos escolares prendeu-se, portanto, com o perfil das suas populações e com o espaço social envolvente pois Montreuil e Vincennes são cidades representativas de dois tipos de população, um socialmente mais desfavorecido que o outro.

O principal método de pesquisa utilizado foi as entrevistas semi-estruturadas, as conversas informais e a observação. Foram feitas cerca de 20 entrevistas em cada estabelecimento, num total de 78 adolescentes inquiridos, 32 rapazes e 46 raparigas. As entrevistas, individuais e de grupo, foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e realizadas fora dos estabelecimentos de ensino, à saída das aulas ou à hora de almoço, na rua ou em cafés circundantes. A fim de não ser identificada com o sistema de ensino, contatei os adolescentes e jovens diretamente e fora da escola. Esta opção foi motivada pela necessidade de estabelecer uma relação de confiança com os entrevistados, que frequentemente têm uma posição de desconfiança em relação ao sistema escolar. Ainda assim, alguns perguntavam-me se eu fazia parte da administração da escola ou se era professora e só após eu lhes explicar que era estudante e estava a fazer um trabalho de campo junto da população estudantil eles perdiam o receio. O trabalho de campo decorreu entre 1997 e 2000.

² Sobre as "cités", ver por exemplo Dubet (1987), Rayou (1998) e Avenel (2006).

O contexto social e escolar

A periferia de Paris é um território plural, cobrindo realidades socialmente diversas. No entanto, o simples termo que a designa – *la banlieue* – encerra em si a imagem dos bairros e das “cités” atrás referidas onde se concentram as classes mais desfavorecidas e a maioria da população imigrante.

Na realidade observada, as formas de sedução, a auto-estima, a expressão do carinho, o controlo do corpo e do seu território pessoal, a formação de casais social e culturalmente mistos, a relação com o risco de transmissão do VIH, são ajustados por aprendizagens sociais. A construção da identidade social dos adolescentes e jovens é filtrada pelo capital cultural e simbólico de cada grupo (Bourdieu e Passeron, 1964) e manifesta-se, por exemplo, através da linguagem, da trajetória escolar, das redes de sociabilidade e dos comportamentos sexuais.

O tipo de estabelecimento frequentado é determinante na construção da identidade social dos sujeitos. O meio escolar funciona como um importante fator de construção da sociabilidade e de inserção numa dada categoria social. Estar inscrito numa escola seletiva, como é o caso dos estabelecimentos católicos privados, significa frequentar indivíduos de estatuto social elevado, aprender a comportar-se em função da pertença a um grupo que possui códigos, valores, representações e comportamentos próprios. A seleção dos alunos, que passa pelos resultados escolares e pelo capital económico, é rigorosa, tal como as regras das escolas privadas³. O sistema escolar, dividido entre público e privado, amplifica, deste modo, a diferença já existente entre pobres e ricos, tanto em capital económico como em capital cultural e simbólico.

Observam-se, portanto, populações que, mesmo pertencendo à mesma geração e à mesma região geográfica, não participam da mesma subcultura, com o seu cortejo de valores, representações colectivas, códigos comportamentais, e marcas corporais e verbais, nem às mesmas redes de sociabilidade. As subculturas traduzem-se numa convergência de comportamentos, atitudes, valores, crenças, representações e vivências que são função de um mesmo meio social. Os jovens de Montreuil criam uma subcultura a partir de uma simbiose original da diversidade cultural existente na cidade e de um universo social marcado pela precariedade.

³ Por exemplo, é proibido namorar na escola e sair do estabelecimento sem autorização dos pais, e é mal visto atar a camisola à cintura e vestir fato de treino.

Os jovens recrutam os seus amigos no meio social onde estão inseridos. Assim, os estudantes de Montreuil, à imagem da população daquela cidade, têm amigos com origens culturais mais diversificadas do que os de Vincennes, cujo ambiente é cultural e socialmente mais homogêneo: dois terços dos inquiridos na Institution Notre-Dame de la Providence são franceses de pais franceses contra um quinto no Lycée Jean Jaurès.

A propensão para depreciar e rejeitar o outro por parte dos jovens das classes socialmente mais favorecidas acentua o fosso já existente entre as populações jovens. Por exemplo, os estudantes da Institution Notre-Dame de la Providence estimam que é um privilégio, para os estrangeiros⁴ beneficiarem dos mesmos direitos sociais que os nacionais; têm poucos amigos de origem estrangeira, permanecendo numa ignorância das outras culturas propícia à formação de estereótipos; e não desejam misturar-se com jovens de condição social mais modesta, permanecendo em grupos homogêneos mais ou menos herméticos. A população inquirida em Montreuil pensa, pelo contrário, que a sociedade francesa não oferece um ambiente favorável à integração dos imigrantes, em particular pelo racismo e pela exclusão que se manifestam nomeadamente no mundo do trabalho⁵.

O espaço da sociabilidade é igualmente distinto: os jovens das classes mais abastadas reúnem-se em locais privados ou fechados e frequentemente pagos, como as salas de cinema, as discotecas, as festas privadas, enquanto as camadas mais desfavorecidas da população jovem limita-se frequentemente aos locais públicos, como a rua e os centros comerciais (Augé, 1992).

Representações da sexualidade e comportamentos sexuais

O contexto social dá forma às representações da sexualidade e aos comportamentos sexuais dos indivíduos. Por exemplo, os adolescentes das classes mais desfavorecidas acreditam que os homens têm uma maior necessidade de ter relações sexuais do que as mulheres e que estas, por sua vez, são mais carentes de afetividade. Já os seus pares das classes mais altas fazem

⁴ As comunidades imigrantes predominantes são a africana, a magrebina e a portuguesa. O contexto em análise é o de adolescentes, na sua grande maioria, nascidos em França e com nacionalidade francesa. Estes são, no entanto, frequentemente considerados como estrangeiros por uma parte significativa da população em geral.

⁵ A comunidade portuguesa constitui uma exceção, pois encontra-se, em geral, mais favorecida socialmente do que as outras comunidades imigrantes. A taxa de desemprego é mais baixa entre os imigrantes portugueses do que na população em geral.

menos distinções baseadas no gênero a esse respeito pois, como notou Bourdieu (1998), quanto mais descemos na escala social, mais importância ganha o imperativo de virilidade para o gênero masculino.

Existem, de igual modo, diferenças introduzidas pela pertença de gênero. Por exemplo, as raparigas têm uma opinião depreciativa da pornografia, ao contrário dos rapazes para quem ela é um modo corrente de aprendizagem da sexualidade. Para as raparigas, o amor é indissociável do sexo, enquanto os rapazes têm frequentemente relações sem estarem apaixonados e revelam-no facilmente, o que aumenta o seu sentimento de virilidade. Eles são sexualmente mais precoces do que elas - mesmo se a dimensão desta diferença varia em função do contexto social. Para eles, sobretudo para os mais jovens, o que motiva as conquistas amorosas é essencialmente a aparência física, ao passo que para elas as qualidades morais são igualmente importantes. Mas, mais uma vez, a condição social é uma condicionante das representações e dos comportamentos: essa diferença aplica-se menos às raparigas das classes baixas, que evocam frequentemente as qualidades físicas dos seus namorados, do que às raparigas das classes média e alta. Além disso, ainda que os rapazes dificilmente confessem estar apaixonados, os discursos nem sempre correspondem às vivências. De facto, os rapazes têm tendência a esconder os seus sentimentos amorosos e a sobrevalorizar o número das suas parceiras sexuais, contrariamente às raparigas, pois os primeiros têm a obrigação social de se mostrarem viris enquanto é exigido delas que os seus comportamentos se mantenham moderados ou mesmo comedidos. Contudo, a sobrevalorização do número de parceiros sexuais parece-nos mais comum entre os alunos dos estabelecimentos públicos do que entre os dos estabelecimentos privados. Por sua vez, as raparigas mostram relutância em confessar que têm práticas sexuais dissociadas dos sentimentos amorosos, tentando manter a aparência da conformidade com a norma social. A estratificação social impõe, portanto, o seu cunho no modo como os adolescentes e os jovens percebem e vivem a sexualidade.

A virilidade é um valor caro aos jovens de Montreuil e modela igualmente as representações da masturbação – que estimam, mais do que os seus camaradas de Vincennes, uma prática legítima e corrente unicamente para o sexo masculino; da afetividade – que associam ao feminino mais do que ao masculino; da prostituição – que não condenam, ao contrário dos inquiridos de Vincennes; e da pornografia – que valorizam enquanto meio de aprendizagem da sexualidade.

Outra diferença socialmente determinada diz respeito à maior precocidade sexual dos indivíduos das classes mais desfavorecidas, cuja primeira relação sexual se situa entre os 14 e

os 16 anos, dois anos mais cedo que os seus pares de Vincennes, com exceção das filhas de pais magrebinos e portugueses, mais tardias, pois a primeira relação sexual significa para elas uma perda – a da virgindade – mais do que um ganho – o da experiência. Para os adolescentes das classes mais desfavorecidas, a primeira relação sexual significa sobretudo um acto de iniciação, ao passo que para os adolescentes das classes média e alta são sobretudo os sentimentos amorosos que conduzem a experiência sexual. Estes dados corroboram os da pesquisa ACSJ (*Analyse des Comportements Sexuels des Jeunes*), de âmbito nacional, sobre a sexualidade dos jovens, publicada em 1997, no seguimento da ACSF, e dirigida por Lagrange e Lhomond.

De notar, por fim, o facto dos inquiridos socialmente mais desfavorecidos terem uma experiência acrescida no âmbito das relações amorosas culturalmente mistas, o que se deve sobretudo ao contexto multicultural em que vivem. Para os adolescentes socialmente mais favorecidos, a escolha amorosa efectua-se por referência a imagens familiares e sociais, o que se traduz numa pressão no sentido da homogeneidade social e cultural dos casais (Varro, 1995). A escolha de um(a) namorado(a) com uma origem cultural diferente é favorecida pelo contexto no qual se inscreve o indivíduo. Os casais mistos são portanto mais frequentes em Montreuil do que em Vincennes, pelas características, como vimos, de cada uma destas cidades.

Comportamentos de risco em relação ao VIH/sida

O VIH/sida é, desde os anos 1980, um novo dado na sexualidade, mas não ocultou nem mudou o sistema de crenças em vigor, calcado sobre os papéis de género. As práticas sexuais são também práticas sociais (Bozon, 1998).

As representações e as atitudes face ao VIH/sida são moldadas pelo contexto sociocultural. Os comportamentos de risco estão presentes em ambos os grupos observados, mas com dimensões e por razões diferentes. Os alunos dos estabelecimentos públicos revelam-se insuficientemente informados, sobretudo os mais jovens; não é raro que as relações sexuais ocorram sob o efeito da droga ou do álcool, situação propícia às práticas de risco; e o imperativo da virilidade induz nos rapazes um sentimento de (ilusório) domínio sobre a natureza e sobre o decorrer dos acontecimentos. Por seu turno, os alunos dos estabelecimentos privados, mesmo se estão bem informados, por beneficiarem anualmente de campanhas de prevenção na escola, sentem-se protegidos pela sua pertença social, tanto mais que recrutam

os seus parceiros sexuais no seu próprio meio social, isto é, entre pessoas que estimam serem «*de bem*»; e pelos sentimentos amorosos, isto é, acreditam no amor e na confiança como uma garantia de proteção da saúde. As primeiras relações sexuais são protegidas, mas o preservativo é pouco mais tarde abandonado, substituído pela confiança mútua, a maioria das vezes sem testes de deteção do VIH prévios.

A adesão ao preservativo é muitas vezes avaliada pela sua utilização na primeira relação sexual (Lagrange et al, 1997), mas esta não exclui o risco, ou seja, a proteção da primeira relação sexual não constitui um barómetro da utilização regular do preservativo, pelo contrário, este é frequentemente sacrificado depois do ritual da primeira relação sexual que simboliza a porta de entrada para uma relação «*de confiança*».

No imaginário adolescente, o(a) namorado(a) é puro(a) e não pode, por isso, constituir um perigo. Salvo algumas exceções entre os inquiridos de Montreuil que têm por vezes práticas sexuais «*só pelo prazer*», a sexualidade é vista como uma expressão de afeto, uma troca de sentimentos «*bons*», uma dádiva de si, um compromisso e uma prova de confiança. O preservativo é então interpretado como um gesto para se preservar do outro, um gesto de desconfiança contrário à representação que têm do amor. Assim, os seus conhecimentos sobre as infeções sexualmente transmissíveis (IST) nem sempre se traduzem em práticas racionais de evitamento do risco (Ludwig, 1990).

Verifica-se, portanto, uma oposição entre uma *alteridade nefasta*, um risco que proviria do outro diferente, e uma proximidade protetora. Por exemplo, uma relação com alguém bastante mais velho ou de um meio social diferente será considerada mais perigosa do que uma relação entre pessoas consideradas próximas. Assim, o medo da contaminação pelo VIH não é matematicamente proporcional aos riscos reais, mas ditado por uma lógica particular, a da «*confiança vs desconfiança*» (Mendes-Leite, 1995). O sujeito deposita uma confiança cega na pessoa por quem está apaixonado, mesmo se desconhece o seu estado serológico, mas desconfia de uma pessoa seropositiva, que olha como uma pessoa «*pouco frequentável*». Neste contexto, ter relações sem preservativo com pessoas das quais desconhecem o estado serológico não é uma situação rara para os inquiridos, sem terem o sentimento de correr um risco, mas recusariam beijar uma pessoa seropositiva, mesmo sabendo que a saliva não é um vetor de transmissão do VIH. Do mesmo modo, para um simples contacto como o de apertar a mão ou ainda a utilização de casas de banho públicas, o sentimento de correr um risco é amplificado pelo medo (irracional) da infeção.

Nas representações sociais, a seropositividade permanece associada à desviação (Augé e Herzlich, 1994). Por conseguinte, perante alguém que lhes parece «*normal*» e «*honesto*», os

adolescentes e jovens não sentem necessidade de se protegerem. Sob o pretexto da normalidade social, sentem-se fora de perigo. Este sentimento está ligado à ideia, que subsiste sobretudo entre as pessoas menos informadas (ou seja, sobretudo entre os sujeitos das camadas sociais mais desfavorecidas), que apenas os indivíduos tidos como marginais (toxicómanos, homossexuais, imigrantes africanos em situação precária, etc.) correm o risco de estarem infectados pelo VIH/sida. Deste modo, os inquiridos adoptam uma pluralidade de lógicas preventivas (irracionais) no sentido de se colocarem dentro da norma para estarem fora de perigo, lógicas essas que vão da estratégia de evitamento de parceiros considerados potencialmente perigosos à seleção das conquistas amorosas baseada num juízo estético ou ético do outro, e no grau de proximidade que estimam ter com eles, passando pela fidelidade, tantas vezes avançada como uma medida de proteção mas que na realidade pode facilmente tornar-se numa ilusão de proteção: é inútil ser-se fiel ao(à) seu(sua) parceiro(a) sexual se não se conhece o seu estado serológico.

Obstáculos à prevenção do VIH/sida

A prevalência do VIH/sida nos indivíduos que são já alvo de preconceitos produz um agravamento da sua discriminação (Augé e Herzlich, 1994). As pessoas seropositivas são julgadas responsáveis pela sua doença, e mesmo culpadas e condenáveis pela infeção de outras pessoas. Nesta lógica, uma criança infetada através de uma transfusão sanguínea é considerada inocente, ao contrário de um indivíduo infetado por via sexual. Subsequentemente, um toxicodependente é considerado duplamente culpado, por desacatar uma norma social e um interdito legal. Do mesmo modo, uma mulher seropositiva, infetada por via sexual, é julgada mais responsável pelo seu estado do que um homem, pois as relações sexuais extraconjugais representam um comportamento culturalmente condenável se for conjugado no feminino ao passo que o mesmo é para ele normal, faz parte da natureza masculina (Handman, 1997). Assim se insinua a ideia de uma suposta intencionalidade da transmissão do VIH (*«ele/ela ama-me, nunca me feria tal coisa, não me pode acontecer nenhum mal»*), acompanhada por uma hierarquização da responsabilidade e pela convicção de que a confiança mútua protege.

Mesmo se a tolerância aumenta com o nível de conhecimentos, um sentimento de vergonha e de culpa permanece adstrito a esta doença. A crença que a infeção é o efeito de um comportamento desviante, fora da norma, persiste apesar da melhoria dos conhecimentos

gerais da população. Para os entrevistados, ter VIH/sida seria um motivo suficiente para perder o pleno direito a uma vida amorosa: deixariam o seu namorado ou a sua namorada se soubessem que é seropositivo.

Um segundo obstáculo à prevenção reside na insuficiente implicação das raparigas na gestão profilática, pois concentram a sua preocupação na pílula contraceptiva. O preservativo permanece um assunto masculino (são eles que compram os preservativos, que os têm, que os colocam e, por vezes, que decidem ou não utilizá-los) e acontece, por vezes, que a relação sexual ocorre sem proteção pela simples falta de preservativos. Além disso, ser ele a manipular o preservativo desde a compra à sua utilização é algo vivido como um acto solitário e prejudicial ao prazer. Uma das razões deste desinvestimento das raparigas prende-se com o facto de poderem ser mal vistas por andarem com preservativos no bolso, o que se explica por uma certa denegação da sexualidade feminina. Trata-se de uma partilha de tarefas (rapariga – pílula contraceptiva / rapaz – preservativo) que pode constituir um obstáculo à prevenção das IST.

A maior parte das raparigas concentra as suas preocupações em torno da gravidez e sentem-se fora de perigo quando usam um contraceptivo oral. Tendem a acreditar que o «*outro assunto*» não lhes diz respeito e entregam-no às mãos dos seus parceiros. Por sua vez, os rapazes estão frequentemente mais preocupados com o desempenho sexual do que com os riscos inerentes à sexualidade, achando que a partir de uma certa idade já sabem ou devem saber tudo sobre sexo e tentando mostrar-se seguros de si, afirmando a sua virilidade através de uma denegação do perigo. Os rapazes, sobretudo nos meios populares, mostram-se propositadamente despreocupados. A primeira relação sexual⁶ representa para eles o acesso ao estatuto de homem e a fim de honrá-lo sobrevalorizam os seus sentimentos de autoconfiança, convencidos que sabem e podem controlar tudo o que diz respeito à sexualidade. O problema do VIH/sida passa então para segundo plano.

Assim, a contraceção permanece associada exclusivamente à pílula e o preservativo à prevenção das IST. A presença da pílula pode, portanto, constituir um obstáculo à criação do hábito de utilização do preservativo, como notaram Lagrange *et al.* (1997).

⁶ Que ocorre, na nossa amostra, entre os 15 e os 18 anos, havendo, contudo, uma maior precocidade nas populações de baixa condição social. De notar que a diferença de idade na primeira relação sexual entre rapazes e raparigas é maior para os adolescentes de origem magrebina e portuguesa do que para os outros em geral. Os dados da ACSJ, cuja amostra populacional é de 6500 indivíduos dos 15 aos 18 anos, situam a idade da primeira relação sexual nos 17 anos.

Aqueles que estão mais familiarizados com o preservativo, em particular os adolescentes e jovens que beneficiaram de campanhas de prevenção na escola e que nunca tiveram relações sexuais desprotegidas, aceitam-no mais facilmente e não o consideram como um elemento perturbador do prazer e da relação sexual. Por conseguinte, as campanhas de prevenção são primordiais nos meios desfavorecidos, onde os adolescentes são sexualmente mais precoces, mais ativos e têm mais comportamentos de risco em geral. O risco está fortemente presente nas suas vidas (risco de insucesso escolar, de consumo de drogas, de desemprego, de precariedade, de exclusão, etc.) e é conseqüentemente banalizado (Le Breton, 1995).

Há também que ter em conta que a informação mal adaptada à realidade adolescente (por exemplo, quando não responde às suas lógicas e representações) não traz uma consciencialização do risco. A maioria dos entrevistados conhece os mecanismos biológicos da transmissão do vírus mas, frequentemente, julgam que a questão do VIH/sida não lhes diz respeito e desenvolvem sentimentos de segurança pelo simples facto de estarem bem informados. A própria informação cria o sentimento de estar fora de perigo (*«estou bem informado, por isso não corro perigo»*).

Em geral, nos estabelecimentos de ensino, a prevenção, quando a há, faz-se no seio das aulas. Sob esta forma, a informação é ressentida como uma intrusão da escola – lugar de desprazer – nas suas vidas íntimas – lugar de prazer – e como um modo demasiado tecnicista de abordar a sexualidade. Os conhecimentos adquiridos no quadro escolar tornam-se assim dificilmente transponíveis para a realidade exterior à escola (Maia, 2009). As campanhas de prevenção deveriam realizar-se fora do quadro escolar para evitar que as informações sejam associadas a um discurso teórico sem ligação à realidade exterior (à escola), à imagem dos conteúdos teóricos escolares.

Notas finais

Da pesquisa de campo depreende-se que o espaço social e o meio sócio-escolar orientam as perceções e os comportamentos dos adolescentes. A educação dada pela família é basilar na elaboração da individualidade do adolescente na medida em que no seu seio são transmitidos valores e modos de pensar e fazer, mas o grupo de pares e o ambiente escolar, onde o adolescente passa grande parte do seu tempo, constituem igualmente um importante elemento de construção identitária e de orientação comportamental (Mauger, 2009).

A rede de amigos é a rede por excelência dos potenciais parceiros amorosos e sexuais, e condicionam-se mutuamente. Os amigos estão frequentemente na origem dos encontros amorosos, nomeadamente através das saídas noturnas e festas organizadas em casa. A formação dos casais responde também a uma harmonia a nível do capital beleza dos parceiros, que é uma qualidade subjectiva determinada social e culturalmente. Um casal considerado esteticamente ou socialmente desequilibrado será objecto de críticas pelos pares. Outra correlação manifesta-se entre a precocidade da entrada na sexualidade dita ativa e o alargamento do círculo de amigos, que favorece as ocasiões de encontros (Maillochon et Mogoutov, 1997). Assim, os adolescentes de Montreuil, que têm uma iniciação sexual mais precoce que os de Vincennes têm também redes de sociabilidade mais largas.

Um controlo recíproco exerce-se entre os elementos do grupo de pares e determina a natureza do grupo de amigos, conferindo-lhe uma unidade e uma identidade de grupo. Esse controlo determina a natureza do grupo de amigos conferindo-lhe uma unidade e uma identidade que passam, como vimos, pelo vestuário, a linguagem, os modelos relacionais, os comportamentos, etc. O lugar onde se cresce, o bairro onde se habita e a escola que se frequenta demarcam contornos e limites das perceções, ações e relações dos indivíduos. As redes de sociabilidade dos grupos estudantis observados são tão diferenciadas quanto os seus meios sociais.

A redes de sociabilidade desenham estilos e práticas particulares. Poderá-se assim encontrar um jovem de uma família árabe e um jovem de uma família francesa que manifestam mais pontos em comum e mais afinidades que dois filhos de pais franceses mas de contextos sociais distintos. Não é tanto a cultura de origem que determina os comportamentos, os valores e as perceções dos jovens, mas o meio social e institucional onde se inscrevem, onde se desenvolvem. A sociabilidade que nasce entre sujeitos que crescem juntos, no mesmo bairro, na mesma escola, consolida os modos de fazer, dizer, pensar e sentir, e desenha os contornos da intimidade, das relações amorosas e da sexualidade dos seus protagonistas.

Os adolescentes atribuem uma grande importância à maneira como são vistos pelos pares. O sentimento tranquilizador de normalidade constrói-se partir dos olhares externos. Daí a necessidade de conformidade em relação aos outros elementos da rede de sociabilidade. Não respeitar as normas implícitas do grupo de pares pode mesmo provocar a exclusão (Woods, 1990). A necessidade de se estar em grupo responde a necessidades sociais. Os grupos são um meio de troca de informações e uma maneira de comunicar e de estar em relação com os outros. A adesão ao grupo responde à necessidade de sentir-se integrado (Kindelberger, 2010).

Os jovens dos subúrbios – da "banlieue", das "cités" – possuem os seus próprios códigos, linguagens e práticas, onde o desafio do perigo e as tomadas de risco são encaradas como um valor masculino. São também jovens com um pior acesso à informação sobre o VIH/sida e são sexualmente mais precoces, o que faz deles uma população mais vulnerável face ao risco epidemiológico em matéria de IST.

Os estereótipos de género continuam a marcar a sociedade. A feminilidade e a masculinidade são adquiridas, construídas e encenadas. A socialização dos rapazes é orientada para o desafio do risco, a eficácia e a agressividade (Weltzer-Lang, 2005), sendo os cuidados de saúde associados à imagem feminina (Courtenay, 2000). O estilo de vida associado à masculinidade, o baixo nível de escolaridade e a baixa condição social constituem um factor favorecedor do risco (Cabral 2002). As práticas de risco são, para muitos homens, uma resposta àquilo que encaram como um requisito social e cultural (Choquet, 2004).

Referências bibliográficas

- Augé, M. 1992. *Non-lieux: introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris, Seuil.
- Augé, M.; Herzlich, C. 1994. *Le sens du mal, Anthropologie, histoire, sociologie de la maladie*. Paris, Archives Contemporaines.
- Avenel, C. 2006. Les adolescents et leur cité, dans les « quartiers ». *Enfances & Psy*, 33: 124-139.
- Bourdieu, P. 1979. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. 1998. *La domination masculine*. Paris, Seuil.
- Bourdieu, P.; Passeron, J.-C. 1964. *Les Héritiers*. Paris, Éditions de Minuit.
- Bozon, M. 1998. La sexualité a-t-elle changé ? Regards sur l'activité sexuelle et sur ses significations à l'ère du sida. In: Bajos, N.; Bozon, M.; Ferrand, A.; Giami, A.; Spira, A.; Groupe ACSF. *La sexualité aux temps du sida*. Paris, Presses Universitaires de France: 11-34.
- Cabral, M. V. (org.). 2002. *Saúde e Doença em Portugal. Inquérito aos comportamentos e atitudes da população portuguesa perante o sistema nacional de saúde*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Choquet, M. (2004). Des troubles différenciés à l'adolescence. *La Santé de l'homme*, 372: 6-7.
- Clair, I. 2008. *Les jeunes et l'amour dans les cités*. Paris: Armand Colin.

- Courtenay, W. H. 2000. Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: A theory of gender and health. *Social Science & Medicine*, 50: 1385-1401.
- Dubet, F. 1987. *La galère: jeunes en survie*. Paris, Arthème Fayard.
- Fassin, D. 2002. Sida, immigration et inégalité : nouvelles réalités, nouveaux enjeux. *Sida, immigration et inégalités*. Paris, ANRS: 1-11.
- Groupe ACSF. 1993. *Analyse des comportements sexuels en France*. Paris, La Documentation Française.
- Handman, M.-E. 1997. La stigmatisation des femmes à travers les représentations du sida véhiculées par les médias. *Transcriptase*, 52: 12-13.
- INSEE. 1999a. *Recensement de la Population. Mars 1999. Tableaux, références et analyses. Exploitation principale. Communes – Cantons – Arrondissements – Unités urbaines 1999 – Zones d'emploi. 93. Seine-Saint-Denis*, Ministère de l'Économie, des Finances et de l'Industrie / INSEE.
- INSEE. 1999b. *Recensement de la Population. Mars 1999. Tableaux, références et analyses. Exploitation principale. Communes – Cantons – Arrondissements – Unités urbaines 1999 – Zones d'emploi. 94. Val-de-Marne*, Ministère de l'Économie, des Finances et de l'Industrie / INSEE.
- Kindelberger, C. 2010. De l'importance des pairs dans la construction de la personne. *Diversité*, 162, Bouffons, fayots et intellos – De l'influence des pairs, Scérén/CNDP-CRDP: pp. 15-20.
- Lagrange, H.; Lhomond, B.; Groupe ACSJ. 1997. *L'entrée dans la sexualité. Le comportement des jeunes dans le contexte du sida*. Paris, La Découverte et Syros.
- Lepoutre, D. 1997. *Cœur de banlieue. Codes, rites et langages*. Paris, Odile Jacob.
- Le Breton, D. 1995. *La sociologie du risque*. Paris, Presses Universitaires de France.
- Ludwig, D. 1990. Analyse de quelques réactions au sida dans une population étudiante. In: Spira, N.; Spencer, B.; Moatti, J.-P.; Bouvet, E. (eds) *Santé publique et maladies à transmission sexuelle, des voies de recherche pour l'avenir*. Colloque INSERM: 512-515.
- Maia, M. 2009. *Sexualités adolescentes*. Paris: L'Harmattan/Éditions Pepper.
- Maillochon, F.; Mogoutov, A. 1997. Sociabilité et sexualité. In H. Lagrange et B. Lhomond (dir.), *L'entrée dans la sexualité. Le comportement des jeunes dans le contexte du sida*, Paris, La Découverte et Syros, coll. Recherches, p. 81-118.
- Mauger, G. 2009. *La sociologie de la délinquance juvénile*. Paris: La Découverte
- Mendes-Leite, R. 1995. Identité et altérité. Protections imaginaires et symboliques face au sida. *Gradhiva*, 18: 93-103.
- Moatti, J.-P. et al. 1995. SIDA: dernière enquête nationale. *La Recherche*, 282: 30-34.

Morice, A. 2002. Migrants: libre circulation et lutte contre la précarité. *In: A imigração em Portugal. Os movimentos humanos e culturais em Portugal*. Lisboa, SOS Racismo: 30-59.

Rayou, P. 1998. *La Cité des lycéens*. Paris: L'Harmattan.

Roudet, B. 2009. *Les jeunes en France*. Les presses de l'Université de Laval/INJEP.

Varro, G. (ed). 1995. *Les couples mixtes et leurs enfants en France et en Allemagne*, Paris, Armand Colin.

Welzer-Lang, D. (2005). *Les hommes violents*. Paris: Editions Payot & Rivages.

Woods, P. 1990. *L'ethnographie de l'école*. Paris, Armand Colin.

Resumo : O espaço social e o meio sócio-escolar orientam as percepções e os comportamentos dos adolescentes. A partir de um trabalho de campo junto de de adolescentes escolarizados na região de Paris, tenta-se avaliar o peso da condição social e do contexto escolar nos seus comportamentos sexuais e nas suas representações da sexualidade. Faz-se também uma descrição analítica dos seus conhecimentos e das suas crenças, atitudes e práticas no que diz respeito à infecção pelo VIH.